

DO SUJEITO SONHADOR AO SUJEITO CONTEMPLADOR: CONSIDERAÇÕES ACERCA DE ‘O CONTÁGIO’ E ‘MINHAS JANELAS’ DE PAULO MENDES CAMPOS

THE SUBJECT DREAMER TO SUBJECT CONTEMPLADOR: CONSIDERATIONS ABOUT “O
CONTÁGIO” AND “MINHAS JANELAS” OF PAULO MENDES CAMPOS

Claudia Vanessa Bergamini *

RESUMO:

Este artigo analisa duas crônicas de Paulo Mendes Campos, por meio das quais se buscou discutir a ideia de sujeito contemplador, bem como a ideia de supervalorização da imagem que se faz do outro. Para tanto, faz-se uma discussão acerca do modo como a intimidade e a vida do outro tem sido tratada e projetada no séc. XXI. A partir das crônicas, considerações foram tecidas de modo a ressaltar como o olhar do cronista, situado no séc. XX, vem atender às discussões tão raras ao tempo atual.

PALAVRAS-CHAVE: crônicas, intimidade, imagem projetada, imagem real, contemplador, mercadoria.

ABSTRACT:

This article analyzes two chronicles of Paulo Mendes Campos, by means of which it searched to argue the idea of contemplador citizen, as well as the idea of supervaluation of the image that it makes of the other. For in such a way, a quarrel concerning the way becomes as the privacy and the life of the other has been treated and projected in séc. XXI. From the chronicles, considerações had been weaved in order to stand out as the look of the cronista, situated in séc. XX, it comes to take care of to the so rare quarrels to the current time.

KEYWORDS: chronicles, privacy, projected image, real, contemplator image, merchandise.

1. O ÍNTIMO NÃO É MAIS ÍNTIMO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTIMIDADE

Sabe-se que aquilo que é íntimo tende a ficar oculto (e deveria), mas, paradoxalmente, é o que atrai o olhar do outro. Exemplo disso se vê na vida das celebridades, por um lado muitos tentam esconder a intimidade e, por outro, a mídia busca expô-la sobremaneira.

Em 1998, quando a apresentadora Xuxa estava para dar à luz, o país todo acompanhou o espetáculo, o show que a mídia transformou o nascimento da menina. Da mesma forma, comentários e reportagens sobre o relacionamento das celebridades são espetáculos nas revistas, sites e programas televisivos e viram mercadoria.

Cria-se, assim, um comércio para expor a vida íntima do outro. Revelar aquilo que era para ser resguardado e, embora ainda existam muitas celebridades que primem pelo recato, tem se tornado cada vez mais frequente a exposição da intimidade como recurso de marketing pessoal. Citam-se as inúmeras publicações biográficas, autobiográficas e diários íntimos, além dos gêneros comuns à internet como o blog e perfil de páginas de relacionamento, ou seja, a necessidade em expor a intimidade fez com que fosse mudado até o gênero dos livros, sendo valorizados aqueles que expõem a vida das celebridades ou fatos íntimos do cotidiano. “O sucesso editorial

* Aluna do Programa de Pós Graduação – Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Londrina (2010/2012). Especialista em Literatura Brasileira (UEL/2008). Graduada em Letras Hispano-portuguesa (UEL/2006). Professora de Literatura nos cursos de Letras e Pedagogia na Universidade Filadélfia/Londrina. BRASIL, Londrina, Paraná. claudia.bergamini@unifil.br Currículo Lattes <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4260393Z7>

das biografias e das autobiografias, por exemplo, excede as margens de um mero fenômeno de mercado: há uma revalorização das histórias individuais e familiares, e um revigorado interesse pelas vidas alheias” (SIBILIA, 2005, p. 45).

Bauman (2004) assinala que na era globalizada, em que a velocidade, seja de informações ou contato, é de extrema importância, tudo passa a ser encarado como mercadoria e a intimidade virou um alimento necessário à cultura de massa. À medida que a vida do outro é exposta como mercadoria, o homem deixa de viver e passa a ser um sujeito contemplador, ou seja, observa, fala e discute sobre a vida do outro, como se essas ações fossem necessárias à vida.

Como é intensa a substituição de assuntos que circulam na mídia, justamente por ela precisar do novo para sobreviver, as pessoas noticiadas se tornam efêmeras. Por exemplo, o final de um casamento só tem valor para a mídia até que surja outra história mais interessante. Da mesma forma, um acidente, a morte de um artista ou mesmo as terríveis tragédias como a do Haiti em 2010.

Bauman (2004) enfatizou que, à medida que as coisas e pessoas passaram a ser descartáveis, intensificou-se um sentimento de medo; o homem tem medo de ser tornar dispensável, visto que tudo é descartável, banalizado e até a identidade do homem deste contexto é variada. Stuart Hall (2006) destacou que o sujeito moderno é fragmentado, sua identidade está sujeita ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, por isso, está em constante mudança.

O sujeito muda porque já não há um sentido estável de si, tudo é incerto e duvidoso. As fronteiras que separam categorias como: gênero, sexualidade, raça e nacionalidade também estão fragmentadas por conta de todas as mudanças sociais, políticas e históricas em curso. Essa “pluralidade coloca o indivíduo de frente a uma multiplicidade de identidades, valores, ideais, costumes e estilos de vida, a qual se por um lado pode fazer com que ele se sinta desorientado, por outro, lhe dá a sensação de ser livre, de ter uma enorme gama de opções a serem escolhidas” (CHAVES, 2004, p. 2).

E o amor, tão sublime sentimento, sofre também todas essas transformações, e há muito deixou de ser concebido como eterno e ganhou status de temporário. Junto com esse status surge o medo de amar de verdade e o medo de viver. Assim, é mais fácil contemplar a vida do outro por meio dos recursos que a mídia oferece.

Sobre a liquidez que tomou conta dos relacionamentos, Bauman (2004) assevera que os casais são semi-separados; as pessoas têm dificuldade para dividir espaços e, por isso, os relacionamentos têm o menor nível de envolvimento possível; por outro lado, o homem está sempre abrindo campos de interação (emails, páginas de relacionamento) e a internet tomou o lugar do cinema e passou a ser o lugar para os encontros amorosos. O número do telefone, quando pedido, já não é divulgado mais o número residencial e sim o número do celular, que pode ser trocado num piscar de olhos. Até o computador, que antes era compartilhado pela família ou pessoas que viviam juntas, passou a ser um objeto pessoal.

Bauman (2004) explica que a proximidade não exige mais a contiguidade física; e esta não determina mais a proximidade, ou seja, é possível ser íntimo de alguém sem ter tido contato físico com ele. E as pessoas que ainda optam pelo contato físico preferem os encontros ocasionais a relacionamentos duradouros. Assim, “os encontros costumam ser mais efêmeros, geralmente, organizam-se de acordo com as ocasiões e se esgotam na ação, no momento em que o objetivo ou desejo é satisfeito.” (CHAVES, 2004, p. 76).

Nesse sentido, é preciso analisar o que é intimidade. A palavra se refere, conforme dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2004, p. 425), à “qualidade do que é mais íntimo, profundo, vida doméstica, particular, proximidade”. Já o dicionário *Señas* de Língua Espanhola

se refere ao verbete como: “*relación estrecha de afecto; parte reservada o más particular de los pensamientos; afectos o asuntos interiores de una persona, familia o grupo*” (2001, p. 720).

Enquanto o verbete é tratado pelos dicionários como o que é particular, secreto, a intimidade tem sido cada vez menos resguardada, o homem se mostra em uma superfície visível como se fosse objeto de design. Por esse motivo, não há mais limites entre o real e o fantasioso quando se trata de intimidade. O que é verdadeiro? O que é fruto da mídia para projetar ou aniquilar uma celebridade? Como um casal pode ter relação sexual, ato extremamente íntimo, logo depois de se conhecer?

Essas questões ainda não têm respostas prontas, pois estas vêm sendo formuladas por intelectuais que, percebendo as mudanças para tratar do que é íntimo ao longo dos tempos, em especial no século XXI, voltaram-se para tais questões.

E a crônica? Qual espaço ela tem na era da intimidade? O gênero que tem por característica tratar do cotidiano e partir de reflexões de caráter intimista acerca de um determinado acontecimento também ganhou novo significado neste século, já que ela tornou-se constante em blogs e se ousa dizer que é possível encontrá-la até mesmo em partes de autobiografias ou nas reportagens sobre as celebridades, de modo que o maior suporte da crônica se amplia e deixa de ser o jornal.

Considerando que a crônica, como mencionado, é o gênero que trata de forma íntima questões cotidianas, não é novidade encontrar crônicas do século XX que já abordavam questões tão discutidas hoje. É o caso, por exemplo, de Caio Fernando Abreu, em cujos textos, crônicas ou em contos, já estava presente o amor líquido tão característico do século XXI; Dalton Trevisan com crônicas, nas quais a intimidade do casal é posta às claras ao leitor, e ainda muitos outros cronistas já abordavam questões íntimas.

Pode-se então dizer que a crônica, por ser um gênero que se vale do cotidiano, acompanhou as mudanças na concepção do que é íntimo, do que é o amor e de como as pessoas interagem neste tempo. Não se quer aqui menosprezar outros gêneros, como o conto, o poema, o romance, pois estes também servem para ilustrar as transformações sociais. Antes, porém, se quer enfatizar que “a crônica está imersa na mídia” (SIMON, 2008, p. 70), renova-se a cada dia e acompanha com dinamicidade os acontecimentos sociais.

Tecidas tais considerações, inicia-se a análise de duas crônicas, ambas de Paulo Mendes Campos, a partir das quais se buscou discutir a ideia de sujeito contemplador, bem como a ideia de supervalorização da imagem que se faz do outro.

2. DA MINHA JANELA EU VEJO...

Paulo Mendes Campos costumava dizer que se baseava nas coisas que aconteciam dentro e fora dele para compor suas crônicas. O mineiro, que não era diplomado, tornou-se mestre na arte de escrever. Iniciou a faculdade de odontologia, a de veterinária e a de direito, não concluiu nenhuma, nem concretizou o sonho de ser aviador. Cumpriu o que o pai, professor de português, profetizara: tornou-se escritor, trabalhou como tradutor de obras literárias, repórter e redator. Faleceu em 1991, no Rio de Janeiro, aos 69 anos, deixando mais de 20 livros de crônicas publicados.

Aqui, serão analisadas duas delas: ‘O contágio’ e ‘Minhas janelas’, ambas publicadas em 1962, no livro “*Homenzinho na ventania*” e republicadas na coleção *Para Gostar de Ler*, da Editora Ática, no livro “Balé do Pato”.

Em ‘Minhas janelas’, tem-se o narrador em primeira pessoa, que de início já descreve o que as janelas significaram a vida toda para ele:

“Em geral as pessoas possuíram automóveis e se recordam de todos eles. Eu possuí janelas e ajuntei para a lembrança um sortido patrimônio de paisagens. Minha primeira providencia em casa nova é instalar meus equipamentos de trabalho ao lado de uma janela: mesa, máquina de escrever, dicionário, paciência”. **

Observa-se que a primeira impressão que se constrói do narrador é a de alguém que muda de endereço com certa frequência e, ao chegar à nova residência, orienta-se a partir da janela, visto que é ela quem determina o lugar em que ele irá trabalhar e o narrador confirma isso ao dizer: “A janela faz parte do equipamento profissional do escritor” (p. 119) e da mesma forma que substitui a máquina de escrever, também substitui a janela quando esta já não oferece o que ele precisa.

Aqui, a pergunta que se faz é: seria esta crônica de caráter biográfico e o autor estaria, portanto, descrevendo experiências próprias? Nesse caso, estaria no trecho o olhar do próprio cronista? Acredita-se que, ao se considerar as fronteiras da crônica permeáveis, a distância entre realidade e ficção se diminuem. Assim, é possível reconhecer um toque biográfico nesta crônica e então a crônica em análise seria exemplo da crônica biográfica lírica que, segundo classificou Candido (1992) é a narrativa em tom poético da vida de alguém.

O narrador dá indícios ao leitor de que ele pode ser um escritor, pois afirma que: “Sem janelas, a literatura seria irremediavelmente hermética, feita de incompreensíveis pedaços de vida, lágrimas e risos loucos, fúrias e penas” (p. 119).

A reflexão sobre as janelas revela o lugar que elas ocupam na vida do narrador, como se fossem fonte única para a produção de seus textos e único modo para que a literatura não seja hermética, complexa. Entende-se que o que ele vê (de dentro para fora), já que vê pelas janelas, faz com que seja um ser contemplador, pois é a pessoa que olha a vida do outro, e o apego às janelas é apego pelo que vê e não pelo que vive. Como se sua vida estivesse condicionada a ver.

Sobre essa postura do narrador, ou melhor dizer, do cronista enquanto sujeito que olha e, a partir daí, escreve, pois imagina o leitor se tratar de um escritor; destacam-se os versos de Fernando Pessoa, em Autopsicografia:

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

O eu-lírico do poema explica que o artista é um fingidor, pois o que diz é a realidade sentida e não a objetiva, experienciada, vivida e, no caso do narrador da crônica, ele não vive a realidade, só a contempla. Essa ideia se confirma na passagem seguinte: “Não falo de mim, mas do que foram as janelas por meu intermédio” (p. 119).

Destacam-se aqui as palavras de Averbuck (2003, p. 31): “Eu nunca escrevi um livro. Eles é que se escrevem.” Nesse caso, as janelas permitem que sejam escritos. Nota-se que a realidade observada pelo sujeito (neste caso o narrador) torna-se parte de suas vivências e, no texto produzido, torna-se a realidade transformada.

Seria este narrador exemplo do sujeito do simulacro, ou seja, que valoriza a imagem em detrimento do real? Sobre esse assunto, Debord (2005) enfatiza que o sujeito nos dias de hoje prefere a imagem, a cópia, a impressão e a aparência à coisa em si.

** Os trechos serão referenciados com o número da página, sendo que ao final há os dados do livro de onde o texto foi extraído.

As reflexões acerca da janela continuam, mas agora num tom melancólico, ele relembra sua infância, perdida no tempo em que “só chegava à janela em dia de chuva [...] para ver o mistério espetacular das águas desatadas” (p. 120). Na época, criança, o narrador não reconheceria “a importância das janelas” (p. 120), pois a vida oferecia outros atrativos e contemplá-la, somente em dias de chuva.

Agora, já na fase adulta, ele conta que pelas muitas janelas das casas em que viveu viu “muitas coisas, só não vi a linda mulher nua que os outros homens já viram pelas janelas. O resto eu vi” (p. 120). E conta que as tantas mudanças de endereço que fez e que o fizeram ver de tudo, deixaram-no cansado e, portanto, “não quero mais ir, quero ficar; não mais procurar, conhecer o que já encontrei; para quem sou, as alegrias e tristezas que já tenho estão de bom tamanho” (p. 120).

Em tom de despedida da janela do apartamento de Ipanema, o narrador descreve uma vida de amor às janelas e não às pessoas, a demonstrar a ideia aqui já mencionada de que a sociedade demonstra a capacidade de transferir quantidades cada vez maiores de energia e atenção do aspecto material da vida para o aspecto não-material.

Tem-se, então, um apreço e supervalorização da janela, como elemento central de sua vida e, para finalizar a crônica, o cronista confere a ela um tom lírico: “dou adeus para o meu mar noturno, invisível e trágico, e adeus para este mar cheio de luz” (p. 122), despedindo-se da janela, seu lugar fantástico.

3. IMAGINAÇÃO QUE CONTAGIA

Em relação à crônica ‘O contágio’, observou-se que o cronista, por meio do narrador, rememora um fato de sua época de inocência; rememora seus doze anos e a época em que em sua rua veio morar a amante e conta que: “até o momento, o impacto dessa palavra vibrava em mim nos retalhos de conversas entreouvadas e na tímida suspeição das fitas de cinema” (p. 84).

A imaginação do menino, certamente, norteou-se pelo sentido de ser a amante aquela que “mantém relações sexuais com outra pessoa, amásio” (HOUAISS, 2004, p. 36). A partir dessa concepção, o imaginário do menino encontrou elementos que o fizeram sonhar com a amante, a ponto de amá-la sem nunca tê-la visto. Assim, a imagem que ele constrói da amante é um fenômeno que brota de sua imaginação. Como se nota no trecho: “Não tinha posto os meus olhos numa amante de carne, não era capaz de imaginá-la...” (p. 84), ou seja, a amante era uma incógnita para o menino. Sobre esse assunto, Bauman (2004, p. 21) destaca que há dois seres no amor, “cada qual a grande incógnita na equação do outro”.

Ainda sem ter posto os olhos na amante, a possibilidade de estar perto de uma o abrasa: “Eu, eu fremia de pânico e desejo de acabar com a fraude da infância e abrasar-me. Pensar na amante, saber que ela dormia e despertava, que se mirava no espelho, que se mostrava aos olhos de homens que não tinham amantes...” (p. 84). Além de relatar desejá-la, o narrador relata também o pânico que o toma em pensar que ela era vista por outros homens, os quais também a desejavam.

Sobre esse desejo, Bauman (2004, p. 24) relata que “desejo e amor encontram-se em campos opostos, o amor aprisiona e o desejo quer possuir, quer consumir”, e é esta ideia de sentir-se consumido que o cronista passa por meio do narrador e, em sua imaginação, esse desejo consome os outros homens que não têm amantes.

A curiosidade e o desejo acerca da amante norteiam a crônica: “Um deputado era o amante da amante...” (p. 85). O narrador sofre em saber que o deputado a toca, a possui e sonha em com o dia em que “A mulher bela ia ser amante do menino sortudo...” (p. 86).

As esperanças do menino são sustentadas pelos sorrisos da mulher: “Ela me sorria, doce, como as amantes não sorriem. Como sorriem as águas escondidas” (p. 87). Nesse sentido, Bauman (2004) assinala que há mudanças nas formas de amor, ocorridas ao longo do tempo, mudanças na forma de amar e de conceber o amor. Para o narrador, o olhar da amante é indício de que ela o deseja, até porque não se pode esperar outro sentimento vindo dela a não ser o amor entre homem e mulher. Assim, estaria a mulher interessada em iniciar sexualmente o menino? Ou seria o desejo do menino que o faria crer nessa possibilidade?

A segunda questão será respondida ao final da crônica, por meio da decepção do narrador ao constatar que: “A amante queria ser minha mãe” (p. 87). A mulher, objeto de desejo do menino, só o queria como filho, sentir o prazer em ter perto de si uma criança, a qual, embora com desejo aflorado, era para a amante simplesmente o filho que ela ainda não tivera.

A ideia posta por Bauman (2004) de que se vive em um tempo de exclusão dos valores sociais em detrimento dos individuais está presente no desfecho da crônica, pois a decepção do narrador revela seu egoísmo e sua vontade de saciar seu desejo, sem preocupar-se com o desejo e os sonhos da mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que Paulo Mendes Campos tenha escrito as crônicas aqui analisadas em 1962, ao lê-las, é possível identificar, no posicionamento do narrador, atitudes tão presentes no contexto atual. Seja de sujeito contemplador, seja de sujeito que deixa o imaginário conduzir sua vida.

Em ‘O contágio’, a amante ocupa na vida do menino o lugar de um objeto intocável, como um objeto de consumo, que um dia se torna palpável, mas que, neste dia, não o satisfaz e daí vem a decepção. O menino não aceita o fato de a mulher querer ser somente sua mãe, justo porque projetara outra imagem dela, bem diferente da imagem materna.

Já em ‘Minhas janelas’, o olhar do cronista voltou-se a um narrador contemplador, o qual se alimenta das janelas, isto é, precisa delas para escrever, para ver a vida que corre lá fora. Retomam-se aqui as ideias de Debord (2005) de que as pessoas já não vivem diretamente a realidade concreta, justo porque esta realidade está mediada por imagens e muitos limitam a vida e só têm acesso a elas. E como se viu, em ‘Minhas janelas’ o narrador prima por olhar pela janela.

Debord (2005) vai além e enfatiza ainda que o homem moderno se deixou conduzir por caminhos que o tornam incapaz de experienciar o real. Ainda que de modo inconsciente, o narrador não vive, contempla por meio das janelas.

Diante de tais considerações, deseja-se frisar que Paulo Mendes Campos compôs as duas crônicas com temáticas que permitem perceber como a crônica enquanto gênero literário tem atendido as necessidades da sociedade contemporânea e promovido reflexões acerca das transformações sociais, de modo a contribuir para o entendimento da postura do homem em tempos em que tudo é mercadoria e as relações pessoais acontecem sem contato físico, o homem, tem se configurado, portanto, como um sujeito cada vez mais contemplador.

REFERÊNCIAS

AVERBUCK, Clarah. *Das coisas esquecidas atrás da estante*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CAMPOS, Paulo Mendes. O contágio. In: CAMPOS, Paulo Mendes. *Balé do Pato e outras crônicas*. Para gostar de ler. São Paulo: Ática, 2003.

CAMPOS, Paulo Mendes. Achando o amor. Minhas janelas. In: CAMPOS, Paulo Mendes. *Balé do Pato e outras crônicas*. Para gostar de ler. São Paulo: Ática, 2003.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio, et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CHAVES, Jacqueline Cavalcanti. *Contextuais e Pragmáticos: Os Relacionamentos Amorosos na Pós-Modernidade*, 2004. 212 fls. Tese (Doutorado em Psicologia Social e da Personalidade) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto de Psicologia. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://teses.ufrj.br/ip_d/jacquelinecchaves.pdf>. Acesso em 15 de janeiro de 2011.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor & Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

86 HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HOUAISS, Antonio. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*/Antonio Houaiss e Mauro de Salles Villar; elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/c Ltda. 2. ed., Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

SEÑAS: diccionario para La enseñanza de La lengua española para brasileños/Universidade de Alcalá de Henares. Departamento de Filologia; tradução de Eduardo Brandão. Claudia Berliner. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SIBILIA, Paula. A vida como relato na era do *fast-forward* e do real time: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs. In: *Em Questão*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p.35-51, jan./ jun. 2005. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/emquestao/pdf_2005_v11_n1/2_avidacomorelato.pdf>. Acesso em 10 de janeiro de 2011.

SIMON, Luiz Carlos Santos. Rubem Braga e as estrelas da mídia. In: Terra roxa e outras terras, *Revista de Estudos Literários*. v. 13, p. 69-77, Out. 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa>>. Acesso em 10 de janeiro de 2011.